

LEILANE CARNEIRO CUNHA

**HISTÓRIA E SISTEMATIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS DO
GRUPO ESPAÇO DE VIVÊNCIA AGROECOLÓGICA
(EVA) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE,
ENTRE 2005 E 2009**

SÃO CRISTÓVÃO - SE
2012

LEILANE CARNEIRO CUNHA

**HISTÓRIA E SISTEMATIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS
DO GRUPO ESPAÇO DE VIVÊNCIA AGROECOLÓGICA
(EVA) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE,
ENTRE 2005 E 2009**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Ciências Florestais da Universidade
Federal de Sergipe, como requisito
parcial para obtenção do título de
Engenheira Florestal.

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2012



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FLORESTAIS - DCF

HISTÓRIA E SISTEMATIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS DO GRUPO ESPAÇO DE VIVÊNCIA AGROECOLÓGICA (EVA) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, ENTRE 2005 E 2009

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Ciências Florestais, Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do título de Engenheiro Florestal.

APROVADA: 05 de novembro de 2012

ORIENTADO: Leilane Carneiro Cunha

Prof. Dr.

(Laura Jane Gome)

Prof. Ma.

(Débora Moreira Oliveira)

Prof. Dr.

(Aucéia Matos Dourado)

DEDICATÓRIA

A vida já é um precioso presente, e esta me presenteou com belas experiências. Este trabalho é reflexo de um pouco do que este corpo e espírito vivenciaram. Portanto dedico-o a todas as pessoas que estão começando a se admirar com a agroecologia e também àqueles que deixaram sua história traçada nas veias de quem vos escreve, em especial à Benedita Trindade e Luiza Cunha “In Memoriam”.

Leilane Carneiro Cunha

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a DEUS, de quem recebi o dom mais precioso, a vida. Ao povo brasileiro por propiciar meus estudos.

Agradeço à minha família, em especial minha mãe, alagoana de luta, e meu pai, o homem que não larga a terra e o trabalho e que fizeram e fazem grandes esforços para que eu tenha chegado e permanecido na universidade e principalmente por serem os meus primeiros educadores.

À minhas irmãs, tios e tias e avós, que fazem questão de mostrar o compromisso com a família, o nosso primeiro grupo.

Um agradecimento especial a Douglas que me trouxe a tranquilidade nos momentos bons e os ruins desse processo.

À Associação Brasileira dos Estudantes de Engenharia Florestal pela imensa satisfação em vivenciar e construir uma organização e às companheiras e companheiros de todo o Brasil com os quais tive oportunidade de militar e passei alguns dos momentos mais ricos de minha vida universitária. Aos que me receberam em suas casas com confiança e coração aberto, de Taguatinga, Cuiabá, Alta Floresta, Belém, Piracicaba, Araras, Cruz das Almas, entre outros.

Aos grandes educadores: Fabio Andrey e Marília, Engenheiros Florestais de coragem. Aos companheiros também da ABEEF: Bira, Sashi, Daiane, Alex, Italo, Livia, Leila, Berô, Bahia, que se tornaram uma grande família durante um bom tempo, ensinaram, compreenderam e respeitaram durante todos os momentos que passamos juntos em reuniões, congressos, espaços, vivências...

Quero agradecer aos companheiros com quem convivi pouco tempo, porém intensamente e pude compartilhar as alegrias, as tristezas, as noites em claro, os medos, e muitas outras emoções, Dalva, Calado, Lucas e Tuim, povo de Luta da gestão de CN da ABEEF.

A todos os integrantes do grupo EVA: Cané, Sashi, Bira, Ju Matos, Ju Franco, Ju Duarte, Dramin, Carol, Bruno, João Paulo, Jana, Lica, Jaci, Dalva, Camilo, Bahia, Ana Maria, Cristiano, Edinete, Brisa, Wendel, Uellington, Yuri, Kelvin, Will, Iane, Anieli, Rita e Ângela, e aqueles que passaram rapidamente, mas contribuíram bastante com a idealização deste grupo que possibilitou a realização deste estudo com muita satisfação.

Aos amigos que me ensinaram a valorizar os processos da vida, Sayuri, Debora, Ju, Michelle, Matheus e Raquelle.

A Laura Jane minha orientadora, o obrigado pelo respeito e atenção; à Debora Moreira co-orientadora, pela disposição, paciência e didática, fica a admiração pelo comprometimento;

À Caritas Regional NE-III e Arquidiocesana de Aracaju, que plantaram em mim a semente da organização.

A todas e todos aqueles com quem tive a oportunidade de conviver nos mais diversos momentos da vida, vocês foram essenciais.



À ORGANIZAÇÃO

(Ademar Bogo)

Corre o tempo mansamente, como as águas dos riachos, a procura do que o destino lhes prometeu: desafiar o infinito para ser eterno.

O tempo vive a contradição de ser velho e novo ao mesmo tempo. Quando uma saudade o torna saudosista, surge uma vontade de fazer algo que ainda não existe, e, como criança, engatinha em busca das condições de provocar a nova travessura.

Iniciar mais um passo, pela corcunda da velha história.

Uma organização também tem os seus tempos: velhos e novos. Desliza sobre eles pelas colunas de gente, como se fossem trilhos, que levam os vagões da história, carregados de saudades e sonhos.

(...)

Orgulhosa é a história. Tem o cuidado de não se repetir, pelo simples fato de que não pode voltar atrás. Voltar significa pisar sobre o próprio corpo. Por isso segue em frente. A cada dia aparece com um novo vestido. Mais triste, quando seus filhos não pensam nada novo. Mais florido, quando os sonhos se transformam em passos e desafiam todos os limites.

(...)

Cada passo em cada tempo. Criar um pouco por dia. Avançar com humildade. Banhar-se de rebeldia.

SUMÁRIO

RESUMO.....	1
1. INTRODUÇÃO.....	2
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	4
2.1. As diferentes correntes ligadas à Agricultura alternativa.....	4
2.1.1. Agricultura natural	4
2.1.2. Agricultura orgânica.....	5
2.1.3. Agricultura Biológica.....	6
2.1.4. Permacultura	6
2.2. Agroecologia	7
2.2.1. A Agroecologia no Brasil	9
2.2.2. Sistematização de experiências em agroecologia.....	10
3. MATERIAIS E MÉTODOS	12
3.2. Aspectos metodológicos da pesquisa	12
3.2. Coleta e análise de dados	13
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	14
4.1. Etapa I - Questionários.....	14
4.2. Etapa II - Histórico da formação do grupo	22
4.2.1. 2005 – Surgimento do grupo e aquisição da área.....	23
4.2.2. 2006 - Aquisição da área.....	24
4.2.3. 2007 – contribuição e participação em eventos nacionais de cunho político e acadêmico.....	27
4.2.4. 2008 – Conclusão do projeto de extensão e construção do I Encontro Sergipano de Agroecologia	31
4.2.5. 2009 – O Curso de Formação em Agroecologia.....	33
4.2.6. 2011 – Renovação do grupo.....	36
4.2.7. Resumo Cronológico das atividades	37
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40
ANEXO A.....	42
1A. Estatuto Do Grupo De Estudos E Vivências Agrocológicas Da Universidade Federal De Sergipe.....	42
2A. Questionário aplicado.....	46

FIGURAS

Figura 1. logomarca do EVA	23
Figura 2.Primeira Oficina de SAF's em 2006.	25
Figura 3. Encontro Regional de Agroecologia – Recife em 2006.	26
Figura 4. planejamento de SAF em reunião vivencia.	27
Figura 5. Oficina de SAF no 37º CBEEF-UFS.....	28
Figura 6. CFA - Piracicaba, 2006.....	29
Figura 7. Desenho do grupo EVA. (por Thiago Neumann, 2007).	30
Figura 8. Fachada da área do EVA sem a guarita.	31
Figura 9. Fachada do EVA com guarita.....	32
Figura 10. Cartaz do X ERA.	32
Figura 11. Roda de troda de experiencias II CFA.....	34
Figura 12. Oficina sobre metodologia para a construção do conhecimento agroecologico. Monografia de Bruno Gonçalves.....	35
Figura 13.oficina de bioconstrução no I ciclo de agroecologia da UFS. Base de adobe onde hoje é o galinheiro.	35
Figura 14. Comparação entre a area em 2006 e em 2012.	36

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso teve a pretensão de realizar algumas reflexões sobre sistematização das experiências do grupo EVA da Universidade Federal de Sergipe. O procedimento metodológico utilizado foi levantamento bibliográfico e a coleta de dados através de questionário aberto com os membros egressos do grupo EVA. A referida pesquisa adotou a metodologia qualitativo-quantitativa de construção do Discurso do Sujeito Coletivo, que abrangeu os seguintes aspectos como o surgimento da iniciativa de criar o grupo, a relação entre o grupo de agroecologia e a Universidade e a contribuição do grupo EVA para a sua formação profissional. Os resultados revelaram como a Agroecologia no grupo era vista dentro da universidade, e os desafios a serem superados.

PALAVRAS CHAVE: Sistematização de Experiências; Agroecologia; Discurso do Sujeito Coletivo.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso foi desenvolvido no Departamento de Ciências Florestais no Curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Sergipe, na área de concentração de Ciências Agrárias.

O ato de sistematizar experiências em Agroecologia pode ser encontrado em algumas instituições, organizações e movimentos sociais que trabalham com esta temática dentre elas a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA; Associação Brasileira de Agroecologia - ABA; Articulação do Semiárido – ASA e a Cáritas Brasileira. Os resultados obtidos durante os anos de experiências coletivas poderão servir de ação-reflexão-ação para a tomada de novas iniciativas dentro ou fora da Instituição.

Nosso interesse no estudo da temática se deu devido a forte identificação com a área das Ciências Florestais, sobretudo a Agroecologia, motivado a partir de estudos realizados nas disciplinas que compõem a grade curricular do referido curso, entre elas: Ecologia Florestal; Sistemas Agroflorestais; Sociologia Rural; e também em função de ser membro do Grupo “Espaço de Vivência Agroecológica - EVA”; Sócio da revista Agriculturas-Experiências em Agroecologia da ASPTA; e, sobretudo, pela experiência na Associação Brasileira dos Estudantes de Engenharia Florestal - ABEEF.

Assim, em 2011, surgiu a ideia de desenvolver uma reflexão sistematizada sobre os aspectos da realidade do Espaço de Vivência Agroecológica – EVA/UFS. A partir dos seguintes questionamentos: Como o grupo Espaço de Vivência Agroecológica vem desenvolvendo suas experiências? Até que ponto a sistematização das experiências do EVA colaboram com a construção do conhecimento agroecológico?

Dessa maneira, este trabalho de conclusão de curso não encerra em um cumprimento formal relacionado com a conclusão do Bacharelado em Ciências Florestais, e sim, a partir dele desejo ampliar as minhas reflexões sobre a referida questão das ciências Agrárias principalmente das ciências florestais.

O marco temporal está delimitado no período entre os anos (2005 a 2011) e a escolha deste período deve-se ao fato de ter sido nesses anos que aconteceu um grande desenvolvimento do grupo EVA, que construiu o II- Curso nacional de formação em

agroecologia – CFA, juntamente com a Associação Brasileira dos Estudantes de Engenharia florestal, a Federação dos estudantes de agronomia do Brasil – FEAB e Executiva nacional de estudantes de biologia – ENEBio,; construiu também o V-Simpósio sergipano de sistema Agroflorestais em parceria com a EMBRAPA e o I-Encontro Sergipano de Agroecologia em parceria com a juventude do MST,. Assim, para compreendermos o fazer do grupo EVA, não basta inserir informações empíricas no quadro teórico: é preciso analisar sistematicamente o peso e a finalidade das contribuições do referido grupo.

Nesta pesquisa, definimos como objetivo geral: Analisar sistematicamente as experiências do grupo Espaço de Vivência Agroecológica (EVA), da mesma forma, foram contemplados três objetivos específicos:

- Investigar a proposta conceitual de formação de base agroecológica do grupo Espaço de Vivência Agroecológica - EVA da Universidade federal de Sergipe (2005 a 2009);
- Contextualizar a relação entre o grupo de agroecologia e a universidade;
- Avaliar de forma qualitativa a contribuição do grupo EVA para a formação técnica e política dos seus integrantes;

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. As diferentes correntes ligadas à Agricultura alternativa

Desde o século XIX existia da Europa um movimento por uma alimentação natural que contestava o desenvolvimento industrial e urbano da época. Na França havia iniciativas da agricultura biológica, na Alemanha a corrente da agricultura Biodinâmica e nos países de língua inglesa a agricultura orgânica. Na Ásia já existiam relatos de formas de agricultura que se encaixavam nessa lógica de produção orgânica, como a agricultura natural do Mokiti Okada e Fukuoka. Essas correntes, então, deram seguimento a outros modelos como a Permacultura e a Agroecologia. Nos Estados Unidos, na década de 30, já havia um movimento de defensores da “eco-agricultura”, porém bastante marginalizados em função do progresso da Segunda Revolução Agrícola.

“Após anos de desastres ambientais nos Estados Unidos neste período, a bióloga Rachel Carson publicou o livro intitulado *Primavera Silenciosa* que se tornou Best-seller e um dos principais alicerces do pensamento ambientalista nos EUA em outras partes do mundo” (ELERHS, 1999, p. 66). Apesar das diferentes origens geográfica ou cultural de cada vertente existente em diferentes países, seus princípios se convergem. Algumas diferenciações se deram muito mais por condições climáticas, sociais e culturais da região do que por outros fatores.

Os parágrafos seguintes explicam de onde surgem as diferentes correntes de Agricultura Alternativa mais conhecidas que influenciaram e enriquecem as práticas de agroecologia existente no Brasil e no Mundo.

2.1.1. Agricultura natural

Essa vertente é a que mais se distancia do modelo convencional de produção, trazendo através de um de seus difusores uma abordagem mais espiritualista e, dentro disso a purificação do solo. Isto é quanto menos manejo no solo, mais natural.

De acordo com Penteadó (2003):

(...) agricultura natural é baseada no princípio da purificação, é uma corrente que nasce junto com a fundação da igreja messiânica através do filósofo

japonês Mokiti Okada. Seu princípio é o de que as atividades agrícolas devem potencializar os processos naturais (p. 26).

Ainda segundo Penteadó (2003) o Massanobu Fukuoka, traz uma abordagem menos religiosa, porém ainda semelhante a de Mokiti Okada que fortalecia a idéia usar cada vez menos artifícios e reduzir o manejo do solo. O diferencial da agricultura natural das outras correntes é que em suas práticas não se usa dejetos de animais nos compostos, por aumentar o nível de nitrato na água potável, além de evitarem o uso de maquinário agrícola e semear seguindo o ciclo lunar. Para Petersen (2012) esse princípio acabou se tornando uma adaptação, pois na agricultura japonesa o recurso animal não era abundante.

Na visão de Jesus (2005) essa é uma abordagem contraditória, pois de acordo com ele natural seria a não intervenção humana, porém se enxergamos o ser humano como animal que faz parte da natureza de acordo com o pensamento de Diegues (2008), esta denominação não foge da proposta de ter como principio a naturalidade.

2.1.2. Agricultura orgânica

Esta vertente esta relacionada ao trabalho do botânico inglês Albert Howard que, trabalhou durante anos com técnicas agroquímicas e ao mudar para a Índia, abriu as perspectivas de investigação no campo do manejo tradicional de fertilização. Viu que o solo não podia continuar sendo visto como mero substrato físico e que nele ocorrem diversos processos biológicos essenciais à saúde da planta. Sustentou a ideia de que a fertilidade do solo deve estar assentada ao suprimento de matéria orgânica e no alto nível de húmus no solo. Essas ideias levaram a desenvolver a pratica da compostagem, até hoje bastante utilizada. (PETERSEN, 2012). Então se pode dizer que a agricultura orgânica esta relacionada com a não utilização de insumos industrializados, com a saúde do solo e da planta, mas não necessariamente com a biodiversidade no sistema produtivo.

De acordo com a lei 10831 de dezembro de 2003, a Lei dos Orgânicos, esse termo é conceituado como algo mais abrangente, e em seu artigo 1º delibera:

Considera-se sistema orgânico de produção agropecuária todo aquele em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural das comunidades rurais, tendo por objetivo a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da

dependência de energia não-renovável, empregando, sempre que possível, métodos culturais, biológicos e mecânicos, em contraposição ao uso de materiais sintéticos, a eliminação do uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do processo de produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização, e a proteção do meio ambiente.

Porém esta mesma lei, em seu inciso 2º, reconhece todas as vertentes de agricultura alternativa como agricultura orgânica, o que é algo positivo ao se tratar de uma lei.

2.1.3. Agricultura Biológica

Este movimento está ligado a uma corrente francesa de agricultura e foi bastante influenciado pelas pesquisas de Claude Aubert, agrônomo francês, que observou problemas com o método da agricultura intensiva e estudou a partir disso, métodos mais equilibrados de produção, lançando em 1977 o seu mais famoso trabalho “L’Agriculture Biologique”. Ainda de acordo com Jesus (2005), Aubert recebeu influências de vários pesquisadores inclusive do André Voisin, criador do Pastoreio Racional Voisin. As ideias de Voisin influenciaram a teoria da trofobiose de Chaboussou em 1980, e geraram alguns seguidores como o professor Pinheiro Machado da Universidade Federal de Santa Catarina.

É notória a semelhança entre agricultura Biológica e Orgânica, a diferença se dá mais pela nomenclatura, pois a em alguns países da Europa é conhecida como agricultura biológica e em outros a mesma prática é conhecida como agricultura Orgânica.

2.1.4. Permacultura

As influências de Fukuoka na agricultura natural foram difundidas e desenvolveu-se na Austrália a permacultura, através de pesquisas dos australianos Bill Mollison e David Holmgren. Semelhante também à agricultura natural, a permacultura é baseada no desenho de conexões entre os ecossistemas naturais e os agroecossistemas (PETERSEN, 2012). Isto é “Apresenta uma visão holística da agricultura com forte carga ética, buscando a integração entre a propriedade e o ecossistema, aliando a produção intensa com a conservação dos recursos naturais” (JESUS, 2005).

Outro princípio básico da permacultura é o da ciclagem de energia, onde dentro de uma propriedade deve-se buscar usar o mínimo de recursos externos para a produção e manejo (LEGAN, 2007), um exemplo da permacultura é a bioconstrução, é uma releitura da construção civil, construção com materiais acessíveis naturais da região, e procura construir de modo que possa aproveitar os recursos naturais na iluminação, ventilação, e a depender do local, a proteção contra o frio. São maneiras de construir e de desenhar a propriedade pensando na sustentabilidade e harmonia do ambiente.

2.1.5. Agricultura Biodinâmica

O filósofo austríaco Rudolf Steiner, criador da Antroposofia, deu o primeiro passo, mostrando a importância da manutenção da saúde do solo e apontando algumas soluções práticas, como a criação dos preparados biodinâmicos (ELERHS, 1999).

O movimento biodinâmico difundia a ideia de que a propriedade agrícola devia ser entendida como um organismo, e se fossem orientadas por esse sistema deveriam adotar algumas práticas como: interação entre produção animal e vegetal, respeito ao calendário biodinâmico, que indica as melhores fases astrológicas para semeadura e demais atividades agrícolas, a utilização de preparados biodinâmicos, entre outros.

No Brasil, essa corrente tem forte influência do Instituto Biodinâmico-IBD em Botucatu no estado de São Paulo, que atua como certificadora particular em todo o Brasil.

2.2. Agroecologia

A agroecologia constantemente é reconhecida como um conceito em construção, para Gubur e Toná (2012, p. 57) “sua definição ainda não está consolidada, constitui, em resumo um conjunto de conhecimentos técnicos e saberes tradicionais (dos povos originários camponeses)”, porém alguns a definem enquanto ciência ou um conjunto de princípios.

De acordo com Altieri (2000) a agroecologia é um conjunto de princípios ecológicos que servem de base para estudar e planejar o funcionamento dos

agroecossistemas produtivos, que ajudam na manutenção dos recursos naturais, de acordo com o mesmo autor a agroecologia permite compreender profundamente esses princípios e o funcionamento dos agroecossistemas através de sua estrutura metodológica de trabalho, segundo Altieri (1987) apud Altieri (2000):

Trata-se de uma nova abordagem que integra os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo. Ela utiliza os agroecossistemas como unidade de estudo, ultrapassando a visão unidimensional – genética, agronomia, edafologia – incluindo dimensões ecológicas, sociais e culturais. Uma abordagem agroecológica incentiva os pesquisadores a penetrar no conhecimento e nas técnicas dos agricultores e a desenvolver agroecossistemas com uma dependência mínima de insumos agroquímicos e energéticos externos. O objetivo é trabalhar com e alimentar sistemas agrícolas complexos onde as interações ecológicas e sinergismos entre os componentes biológicos criem, eles próprios, a fertilidade do solo, a produtividade e a proteção das culturas. (p. 18)

Um dos princípios para alcançar a sustentabilidade do agroecossistema, é o aumento da biodiversidade, pois junto com ela volta a existir outras relações de interação entre solo, planta e animais. E essa interação gera uma ação coordenada em prol do mesmo fim. Dessa maneira, para Altieri (2000), é importante lembrar que é princípio da Agroecologia a criação de uma cobertura vegetal contínua para a proteção do solo, para permitir a reciclagem de biomassa e o fluxo de nutrientes; assegurar a constante produção de alimentos, variedade na dieta alimentar e produção de alimentos e outros produtos para o mercado, podemos colocar nesse bojo os produtos de um sistema agroflorestal; fechar os ciclos de nutrientes e garantir o uso eficaz dos recursos locais, minimizando as perdas; contribuir para a conservação do solo e dos recursos hídricos através da cobertura morta e da proteção contra o vento; intensificar o controle biológico de pragas fornecendo um habitat para os inimigos naturais; aumentar a capacidade de múltiplo uso do território; assegurar uma produção sustentável das culturas sem o uso de agrotóxicos.

A conceituação colocada por Altieri (2000), já nos situa diante do que podemos identificar como Agroecologia, porém ainda assim pode ser confundida com o que chamamos de “estilo de agricultura alternativa” que podem ser limitadas apenas a atender um nicho de mercado, que não contrapõe a conceituação dos movimentos camponeses, porém deixa abertura para a existência da ideia de que a Agroecologia não se opõe ao agronegócio.

Apesar das semelhanças e diferenças ao mesmo tempo, pode-se observar que as várias vertentes contribuíram tecnicamente para o que se conhece de agroecologia. Além disso, a contribuição das organizações e movimentos sociais que acreditam e praticam tais princípios, e o aumento do número de pesquisadores aos movimentos de agricultura alternativa resultou em importantes desdobramentos a partir da década de 70, que ao ter suas experiências sistematizadas deu origem a agroecologia que trabalhamos hoje. (PETERSEN, 2012).

2.2.1. A Agroecologia no Brasil

Em meados dos anos de 1965 e 1968 já havia incentivo para a produção agrícola com uso de agroquímicos (FERRARI, 1985) que se intensificou com a criação do Plano Nacional de Defensivos Agrícolas (PNDA), lançado em 1975 (SILVEIRA & FUTINO, 1990; LONDRES, 2008). Esse incentivo na agricultura, junto com a sua mecanização, acarretou mudanças nas atividades e modo de vida no campo (PRIMAVESI, 1997). Nesse período começam a ganhar força os movimentos de agricultura de base ecológica como contestação ao modo moderno de fazer agricultura.

Para os movimentos que compõem a Via Campesina a agroecologia não é apenas um conjunto de técnicas nem o desenvolvimento de experiências de agricultura de base ecológica, é a busca de outros princípios e metas sociais, culturais e políticas. Nesta visão, por exemplo, não existe – por incompatibilidade – um “latifúndio agroecológico”, ou uma “plantação agroecológica” que produza “agrocombustíveis” para automóveis, em vez de alimentos e produtos para seres humanos. “(...) Para nós a Agroecologia é um pilar fundamental na construção da soberania alimentar, da segurança alimentar e autonomia das comunidades rurais” (SOSA, et al, 2012, p. 26). Ainda na mesma lógica, Caporal e Costabeber (2004, p. 9) chamam atenção para não confundir os estilos de agricultura alternativa com Agroecologia, que se baseia em princípios mais amplos, pois os objetivos das agriculturas alternativas podem estar limitados a atender um nicho de mercado apenas. O que não quer dizer que isso assegure a sustentabilidade dos sistemas agrícolas através do tempo. Desta forma, temos hoje, algumas agriculturas familiares “ecologizadas”, com a presença de grandes grupos transnacionais que estão abocanhando o mercado orgânico em busca de lucro imediato.

A Agroecologia não é um método, ou uma aplicação de teoria apenas, é Agroecologia quando se adapta a realidade de cada região, quando atende a demanda de cada povo. Segundo o marco referencial de Agroecologia da EMBRAPA (2006), a Agroecologia é um referencial teórico, servindo de orientação geral para as experiências de agricultura ecológica, o caráter local é que dará a feição concreta dos seus princípios e práticas.

A Agroecologia esta diretamente ligada ao antigo, aos nossos ancestrais, ao conhecimento tradicional e ao mesmo tempo, está ligada as tecnologias que conseguem aperfeiçoar o uso dos recursos disponíveis no local sem causar impactos negativos e que trazem prejuízos à saúde ambiental. A valorização do conhecimento popular não desautoriza os achados do método científico clássico, ao contrário, considera a grande importância das duas fontes e a relação positiva entre elas, elas se complementam. (EMBRAPA, 2006).

2.2.2. Sistematização de experiências em agroecologia

Os caminhos traçados pela agroecologia fizeram pesquisadores e educadores populares perceberem necessidade de buscar o registro das inúmeras experiências encontradas com o intuito de divulgá-las para conhecimento de todos, mostrando que são iniciativas que deram certo ou que o processo foi enriquecedor para os protagonistas.

As lições extraídas de uma experiência poderão servir de base nas tomadas de decisão em outras novas iniciativas, através da documentação e sistematização dessas práticas e atividades. Apesar da relevância ainda são poucas as iniciativas de sistematização de experiências.

Em agroecologia o uso da sistematização, permite manter seus princípios no decorrer do registro, avaliação e teorização. Para Adriana Freire da Assessoria de Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa – ASPTA (2007, p. 7),

“a sistematização é um instrumento que permite olhar analítica e criticamente para o vivido e experimentado. Ao examinar de perto os resultados e os impactos alcançados pela experiência, torna-se um exercício constante de monitoramento e avaliação das atividades, necessário para o contínuo aprimoramento da ação.”.

De acordo com Holliday (2006) a sistematização é a reflexão sobre a prática, a teorização sobre ela e o ato de transforma-la. “É uma interpretação crítica de uma ou

várias experiências que, a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que intervieram no dito processo, como se relacionam entre si e porque fizeram desse modo.” (pag. 24). A partir disso cria um novo conhecimento, gerando possibilidades de transformação da realidade.

Se os resultados dessas experiências podem ser escritos e publicados, aumenta-se a possibilidade de compartilhar as informações, de modo que outros conheçam o trabalho e assim como o grupo, também aprendam com as lições dos processos. Para a Agroecologia a sistematização é um exercício bastante enriquecedor, pois reflete o vivido e se preocupa mais com o processo do que com o resultado.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

3.2. Aspectos metodológicos da pesquisa

Metodologicamente, este trabalho estará voltado para a sistematização das experiências do grupo EVA da Universidade Federal de Sergipe no período de 2005 a 2009. É uma pesquisa de ordem qualiquantitativa, descritiva e exploratória. De acordo com Richardson (1985)

“os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de um determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos” (p. 39).

Porém, segue um roteiro baseado no método de sistematização proposto por de Holliday (2006) que é uma proposta em cinco tempos:

1) O ponto de partida: ter participado da experiência ou ter o registro da experiência; 2) As perguntas iniciais: o objetivo, o objeto a ser sistematizado e o eixo de sistematização; 3) Recuperação do processo vivido: reconstrução da história, ordenamento e classificação da informação; 4) Reflexão de fundo: Analisar, sintetizar e interpretar criticamente o processo; 5) Os pontos de chegada: formular a conclusão e comunicar a aprendizagem. (pag.72)

Esta é uma proposta que segue uma ordem justificada, mas que para Holliday (2006) não precisa ser seguido rigidamente, pois não existe uma receita pronta de sistematização, qualquer educador ou educadora pode sistematizar suas experiências, pois para cada realidade tem suas características que irão influenciar na forma de registro e análise. Junto a isso possui o caráter descritivo que busca aprimorar a informações obtidas no referencial teórico que conduzirá a compreensão deste estudo.

Na coleta de dados foram utilizadas as fontes bibliográficas e primárias, tais como: livros, artigos, teses, fotografias, escritos das reuniões, dentre outros documentos que permitiram traçar o processo de implantação e compreender a contribuição da sistematização das experiências do grupo EVA.

Vale ressaltar que uma pesquisa não se encerra nela mesma, o ciclo da pesquisa não se fecha, sempre haverá novos questionamentos, o ser humano é reflexivo e

questionador. Assim não é interessante esgotar aqui os conhecimentos, pelo contrário, que fique uma provocação e estímulo para novos pesquisadores.

3.2. Coleta e análise de dados

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram: referências bibliográficas, observação, documentos, legislação (Decretos, Portarias, etc), estatuto, registros de reuniões e também questionários com perguntas abertas. A pesquisa foi desenvolvida entre janeiro e outubro de 2012, e organizada em duas etapas, a saber:

Etapa I: Foi realizado um questionário feito por meio de um roteiro de perguntas abertas, que foi aplicado com os membros que já saíram do grupo, dentre os quais alguns eram fundadores. Através deste questionário objetivou-se resgatar como surgiu a idéia de formar um grupo de agroecologia, quais os desafios enfrentados, bem como a contribuição que o grupo teve na sua formação. Para a análise dos questionários foi utilizada a metodologia de Lefevre & Lefevre (2005),

“para obter o pensamento coletivo, é preciso, então, convocar os indivíduos, um a um, o universo ou uma amostra representativa de uma coletividade, (...) para que cada um possa expor seu pensamento, e para que o conjunto dessas individualidades opinantes possa representar, sociológica e estatisticamente, uma coletividade.” (p.20).

Para resgatar as opiniões coletivas, é necessário identificar as Expressões-Chave (E-Ch) comuns, que são trechos do material verbal que melhor representam o conteúdo, em seguida, identifica-se as Idéias Centrais (IC's) presentes no conteúdo do conjunto de respostas que se assemelham. Depois constrói o Discurso do Sujeito Coletivo a partir das E-Ch de um conjunto de respostas de uma mesma ideia central.

Etapa II: Esta etapa teve por objetivo reconstruir cronologicamente a história do grupo EVA, a partir das experiências do grupo através da análise de documentos, tais como cartazes, fotografias, publicações, anotações de reuniões e diálogo com ex-integrantes do grupo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Etapa I - Questionários

Foram questionados seis integrantes que já saíram do grupo, sendo que, na primeira pergunta, apenas quatro responderam por serem os únicos a participar diretamente da construção do grupo.

Esta primeira pergunta teve como obter informações sobre as inquietações que motivaram a criação do grupo de Agroecologia: **“O que te motivou a construir um grupo de agroecologia (para quem participou do processo de construção)?”** As quatro respostas a essa pergunta foram incluídas em uma única idéia central (IC), e portanto, constituíram um único Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), conforme metodologia descrita por Lefevre & Lefevre (2005).

IC-A : Inserir a proposta agroecológica na UFS.

DSC -A: A agroecologia era uma temática que não se trabalhava na UFS, havia essa lacuna na formação, sendo que é um tema com tamanha importância para a sociedade. A construção de um grupo por estudantes foi uma forma alternativa de inserir esta temática na universidade, que garantiria possibilidades de aprendizado e possíveis trabalhos a serem realizados a partir deste grupo. Além disso, era uma forma de organização social com o intuito de concretizar ideais. O objetivo era construir um grupo de pesquisa e extensão que trabalhasse numa outra perspectiva, libertadora, contrária ao modelo tecnicista que a universidade e, principalmente, os cursos de agrárias defendem.

Históricamente a evolução dos cursos das Ciências Agrárias apontam para um especialização do conhecimento, o que contribuiu para o avanço da ciência, porém acabou tomando uma visão restrita da sociedade, em contraponto a isso, surge a agroecologia, de acordo com Costa (2010, p. 26) “como uma área com uma visão crítica e abrangente da realidade, com potencial para contribuir efetivamente para a superação da problemática socioambiental inerente à agricultura”. E para quem se identifica com a causa campesina, e quer fazer cumprir com a função social da universidade, é

importante ter uma visão do todo para lidar com as possibilidades de soluções para as problemáticas existentes no campo, como reflete o DSC-A.

A segunda pergunta feita ao grupo foi **“O que te motivou a participar de um grupo de Agroecologia?”** A partir das seis respostas obtidas foram identificadas duas idéias centrais, que deram origem a dois DSC’s.

IC - B: Formação acadêmica contextualizada para Sergipe. (4 respostas)

DSC-B: Buscar uma formação acadêmica contextualizada com a realidade do Estado, que não dissociasse a questão social da agricultura e que conseguisse aliar isso ao conhecimento científico. Além disso que uni-se conservação da natureza e produção.

IC -C: Promover a Extensão Rural. (2 respostas)

DSC-C: Já havia uma identificação com questões relacionadas à agricultura que era a proposta do grupo, trabalhar essas questões aliando teoria à prática. Era a possibilidade de construir algo voltado pra sociedade e de trocar conhecimentos com diferentes áreas.

As duas visões encontradas nos DSC’s “B” e “C” se complementam, visto que promover a extensão rural sem antes buscar uma formação acadêmica contextualizada para Sergipe, deixam fragilizadas as ações práticas da universidade. Por exemplo, a proposta político-pedagógica do curso de Agroecologia da UFSCar (2010), sugere uma abordagem construtivista e considera como ponto de partida as situações próximas das pessoas, dos próprios educandos em seu contexto socioeconômico e cultural. Isto é, mostra a importância da contextualização na formação para os educandos, o que de acordo com as respostas, parece ainda ser falho na Universidade Federal de Sergipe.

Já terceira pergunta abordou as possíveis dificuldades encontradas para permanecer no grupo: **“Qual a maior dificuldade de permanecer no grupo? Por que?”** nesta, foram encontrados dois DSC’s distintos, expostos abaixo:

IC -D: Pouco apoio institucional. (5 respostas)

DSC-D: Por não ter profissionais na universidade pública capacitados para estimular e orientar projetos e pesquisas relacionados à agroecologia, não tivemos apoio nas iniciativas. A falta de bolsa de extensão e pesquisa comprometeu uma dedicação maior com as demandas do grupo. Além disso, o tempo demandado nas atividades das disciplinas dificulta encontrar tempo para atividades de extensão, com o agravante de que há pouca aceitação dos professores, sendo a agroecologia enxergada a partir de um viés romântico.

IC -E: Convívio com pessoas diferentes (2 respostas)

DSC-E: A dinâmica dos integrantes do grupo em se envolverem em várias atividades diferentes, o convívio com pessoas de concepções e objetivos diferentes, comprometeu manter o EVA como prioridade para todos. Ora o grupo se engajava mais, ora partia para outras atividades.

O DSC-D, mais ocorrente entre os entrevistados, denuncia o fato de que há um desencontro entre a forma de trabalho acadêmico-científico atual e os valores trabalhados na agroecologia. Por exemplo, como afirma COSTA (2010, pag 28) “a dificuldade maior por nós constatada até aqui diz respeito à construção coletiva de propostas de trabalho no espaço e na cultura acadêmica, em que predominam e são valorizados os projetos pessoais de carreiras individuais e da pesquisa *strictu sensu*.” Dessa forma pode haver resistência ao tentar envolver tanto de professores para orientar projetos e pesquisas, quanto de educandos que se comprometem com as tarefas de grupo, ou com a sociedade em geral.

Nesta quarta pergunta procurou-se verificar o entendimento do grupo quanto as suas próprias deficiências: **“Quais as deficiências do grupo? Se houve”**. Houve maior divergência nos três DSC’s:

IC - F: Carência de apoio institucional para pesquisas e práticas (3 respostas).

DSC-F: Sem o auxílio de docente, o limitado acesso a referencial teórico, deixou a produção acadêmica deficiente. A produção científica não se concretizou da maneira esperada de forma que o grupo não institucionalizado não teve acesso a financiamento para a compra de ferramentas e insumos para trabalhar na área.

IC -G: Falta de clareza do papel do grupo. (2 respostas)

DSC -G: Não houve clareza do que o grupo viria a se tornar, faltando amadurecer uma série de pontos. Isso dificultou a consolidação de um “projeto de vida” que revelasse o papel que o próprio EVA deveria desempenhar dentro e fora da universidade.

IC -H: Falta de coletividade. (1 resposta)

DS -H: Faltou tempo e dedicação para a realização das tarefas. As decisões quando não eram coletivas, se tornavam individual e pontual, dessa forma o projeto que era individual ficava sem continuidade.

Os três discursos refletem opiniões divergentes sobre as deficiências do grupo, uma vez que primeiro DSC (F) afirma que o problema está na carência de apoio institucional, como no DSC-D, já o DSC-G e o DS-H tendem a apontar as deficiências dentro do próprio grupo.

É importante lembrar que o Discurso-H trata-se de uma opinião de um indivíduo, e não um DSC. Este reflete sobre a presença do individualismo em um grupo que buscava a coletividade. Isso parece ser contraditório porém, ao considerar o sistema político-econômico-educacional vigente, pode-se perceber que a construção de grupos não é estimulada ainda que se busque o individualismo, pode-se observar até que alguns cursos dentro da Universidade possuem disciplinas que estimulam a competitividade. Portanto ao ser falar de grupos deve-se considerar que os indivíduos que o compõem trazem reflexos de outros processos vividos para dentro deste novo espaço, mesmo que este novo espaço (o grupo EVA), se proponha a trabalhar de uma maneira diferenciada (FREIRE, 2008), apontando dessa forma, uma problemática comum em qualquer espaço de convivência entre diferentes indivíduos que tenham objetivos em comum, as contradições existirão e isso pode compor o leque de aprendizados de um grupo. O mesmo pode-se dizer a respeito do DSC-E, que aponta para a dificuldade de convivência entre diferentes.

Buscou-se também na quinta pergunta conhecer as virtudes apontadas pelo próprio grupo: **“Quais as virtudes do grupo?”** Surgiu apenas um DSC.

IC -I: Disposição para o trabalho coletivo (6 respostas)

DSC-I: Por ser um grupo de jovens estudantes revolucionários, era um grupo que tomava iniciativas para realizar atividades como cursos, seminários e simpósios, aliando teoria e prática de forma outodidata. Buscava a construção do grupo através do princípio da coletividade. Dessa forma não ficava restrito a universidade, interagindo com outras instituições e movimentos sociais na busca do entendimento da agroecologia com a intenção de provar que outro modelo é possível.

O termo “juventude revolucionária” pode ter uma conexão com a palavra rebeldia, e essa palavra e o termo não podem vir carregados com a comparação com palavras como vingança e amargura, para Peloso (2012), a verdadeira rebeldia desperta a autoestima, que não deixa a pessoa se tornar objeto, “é a capacidade de indignar-se diante de qualquer injustiça, contra qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo, é o embrião da consciência crítica”. Dessa forma o grupo não forjava sua história somente eriquecendo o conhecimento sobre agroecologia apenas na área, mas buscava se relacionar com outros grupos que também tinham o mesmo objetivo, provar que outro modelo é possível.

No entanto, algumas pessoas podem não perceber dessa maneira, preferindo não se organizar em grupos com objetivo comum. Atuando de outras formas na universidade, seja enquanto professor, pesquisador ou qualquer outra maneira de contribuir com o fortalecimento da Agroecologia. Porém como afirma o DSC-M, fazer parte de um grupo foi importante para a escolha profissional, pois enquanto a universidade tiver falhas, se organizar dessa forma pode ser uma alternativa para ter acesso a outros tipos de informações não disponíveis no contexto acadêmico.

Na sexta Pergunta, houve o intuito de registrar a estrutura organizativa do grupo: **“Como era a dinâmica de organização do grupo eva?”** Para esta pergunta apareceram um DSC.

IC - J: Reuniões periódicas de encaminhamentos e de formação durante as aulas.
(5 respostas)

DSC-J: Havia reuniões periódicas para estudo, planejamento da área, para a divisão de cuidado das plantas e planejamento de ida a eventos. Semanalmente às sextas-feiras, ocorriam os mutirões. As reuniões de estudo aconteciam quinzenalmente.

Continuava dessa maneira durante as aulas, chegando o período de férias a dinâmica organizativa do grupo mudava e a área se tornava uma bagunça.

IC - K: organização horizontal e decisões coletivas. (1 resposta)

DS-K: A organização do grupo se dava de forma horizontal não havendo hierarquia entre seus membros, nem funções específicas. Os processos de tomada de decisão eram de maneira a mais coletiva possível.

O DS“K”, que é uma única opinião, mostrou que o grupo parece se estruturar buscando uma organicidade, que segundo o ITERRA (2004), quer dizer “coletividade em movimento, relação entre as diversas partes do todo, entre as tarefas e seus objetivos, entre as pessoas que participam do processo de construção da coletividade.” Dizer que possui uma organização horizontal implica afirmar que as decisões são coletivas, e que existe distribuição de tarefas e funções entre os membros, facilitando os processos de aprendizado individuais dentro da coletividade. Porém no DSC – J fica implícita a contradição existente, pois trouxe informações a respeito da frequência de reuniões encaminhativas e reuniões de estudo, atentando principalmente para o período das férias, quando a área ficava sem ser frequentada. O que mostra a deficiência na frequência de atividades, que não deixa claro a razão, mas torna evidente a falha na distribuição de funções ao longo do ano.

Ao sugerir esta sétima pergunta, a intenção foi perceber o que mais fez sentido para os integrantes dentro da amplitude de atividades do grupo: **“O que mais te marcou durante a caminhada com o grupo EVA?”** Para esta pergunta foram formulados dois DSC’s.

IC -L: A dificuldade em desenvolver atividades extracurriculares. (2 respostas)

DSC -L: Além de existir uma certa resistencia em implantar e estudar os sistemas produtivos de base sustentável dentro da universidade, a area também se tornou simbolo de resistencia por muitas vezes ser alvo de criticas e especulações. Isso nos fez ter um carinho maior pela área.

IC - M: As experiências:.(4 respostas)

DSC –M: Foi essencial na minha formação humana, pelas contruções descontraídas, companheirismo e confiança no grupo. Ao participar de eventos onde

tivemos contato com o movimento estudantil e movimentos sociais, nos permitiu enxergar as contradições da sociedade e militar a favor do povo em busca da construção da mudança da sociedade.

O fato do grupo EVA ter sido fruto de uma superação e símbolo de resistência e luta, fez nascer um sentimento de pertença dos integrantes por aquela área física e principalmente por sua proposta, como afirma Peloso (2012, pag. 81)

a militancia se move por uma indignação e por uma entrega apaixonada para que a classe oprimida se realize como gente e como povo. Como toda luta, também a luta popular é uma questão passional; ora, ao amante não se ensina o que deve fazer para agrada a pessoa amada. Com entusiasmo e ousadia, quem ama faz do longe perto e inventa caminhos para alcançar seu objetivo.

Outra forma de buscar a impressão do grupo sobre as contribuições para a vida pessoal foi abordado nesta oitava pergunta: **Qual a importância do grupo EVA para a sua formação profissional?** Foram construídos dois DSC's.

IC -N: Acesso a informações diferenciadas.(3 respostas)

DSC -N: Foi importante por oportunizar o acesso a temas importantes que não continham na grade curricular dos cursos, como educação do campo, educação agroecológica; o grupo conseguiu entender que a produção agrícola e florestal pode ter um outro viés. E por conta disso mostrou a importância de se organizar a partir da necessidade do povo.

IC -O: Descoberta de vocação profissional. (3 respostas)

DSC -O: Com a experiência no grupo de Agroecologia pude ter clareza do que eu queria seguir profissionalmente, ao fazer novos contatos e visitar outros lugares pude conhecer que a agroecologia pode ser uma ferramenta utilizada para travar um debate ideológico atuando junto aos movimentos sociais camponeses na busca de um modelo de sociedade que seja melhor para o povo.

Percebe-se a importância de passar por um processo organizativo, onde são estimulados o protagonismo, a coletividade, o diálogo, entre outras coisas, além de proporcionar a ampliação dos conhecimentos, a oportunidade de conhecer outras experiências organizativas e outras experiências em Agroecologia.

Já no final do questionário foram elaboradas duas perguntas para compreender a contribuição do grupo dentro da UFS e para o estado de Sergipe. A nona pergunta, “**Qual a contribuição do grupo para a universidade federal de sergipe?**” Neste questionamento obteve a formação de dois DSC’s.

IC -P: Formação de profissionais críticos (4 respostas).

DSC -P: Entendendo que a academia deve estar a serviço da sociedade, o EVA buscou formar profissionais que questionem o atual modelo do campo e da sociedade, estimulando a disputa ideológica dentro da universidade.

IC -Q: Formação de profissionais cidadãos (2 respostas).

DSC -Q: O EVA buscou construir o debate político da agroecologia na teoria e na prática através de uma perspectiva libertadora, saindo da sala de aula e oferecendo a oportunidade de uma nova forma de trabalhar com a terra e o campo para estudantes que estavam entrando no curso.

O DSC-P mostra que a universidade deve estar a serviço da sociedade, portanto é papel da Universidade pública manter o interesse público acima do privado, devendo estar a favor do povo e não contra ele. Para Costa (2010), “existe um peso político e econômico do setor privado nas universidades públicas”, o que pode prejudicar o desenvolvimento de linhas de estudo, pesquisa e extensão que não seja de puro interesse econômico mercadológico.

Já quanto a forma de educação que o grupo conseguiu adquirir trata-se de um modelo de educação libertadora defendido por Freire (1987, pag 83), é uma forma de educar que se funda na criatividade e estimula a reflexão e a ação verdadeira dos homens sobre a realidade, responde a sua vocação, como seres que não podem autenticar-se fora da busca e da transformação criadora. No entanto, na maioria das universidades encontramos o modelo de educação convencional ou bancária, cabendo ao aluno buscar complementar a sua formação em moldes diferenciados.

Na décima pergunta quando questionados: “**Qual a contribuição do grupo para Sergipe?**” Obteve-se apenas um DSC:

IC -R: Promoção de debates e estímulo à extensão rural. (6 respostas)

DSC -R: O grupo contribuiu com uma formação acadêmica contextualizada para a realidade do Estado de Sergipe, bem como com a formação política de futuros profissionais. Isso foi alcançado através de eventos a nível estadual, regional e nacional, permitindo formar profissionais que se identificam com o povo e atuam hoje na construção de experiências práticas para a geração de um campo com menos desigualdade.

Hoje Sergipe é um estado carente de profissionais com o perfil para trabalhar com Agroecologia nos assentamentos e comunidades rurais. Isso não é diferente no Brasil, o que motivou a Via Campesina a publicar uma cartilha: “O problema dos alimentos: a agricultura camponesa é a solução!” onde propõe entre outras coisas a:

institucionalização dos grupos de agroecologia e a reforma curricular dos cursos de ciências agrárias que contemple na grade disciplinas como Agroecologia, Sociologia e Extensão Rural nos semestres iniciais.”. (Via Campesina, 2008)

A institucionalização do grupo de Agroecologia e a inserção de disciplinas na grade dos cursos é um ponto positivo, porém desafios continuarão, pois é preciso avançar muito mais. O grupo EVA, trabalhando junto com outras organizações e comunidades, assumindo esse compromisso com a formação de profissionais engajados, pode contribuir para o fortalecimento da agroecologia no Estado de Sergipe.

4.2. Etapa II - Histórico da formação do grupo

Este breve histórico foi reorganizado coletando informações de relatório de reunião que aconteceu em 2006 e principalmente da monografia de Bruno Villaça Gonçalves defendida em 2009, que fez parte do grupo EVA.

4.2.1. 2005 – Surgimento do grupo e aquisição da área.

Relatório não registrado oficialmente, porém, parte integrante do acervo de documentos do grupo EVA, escrito por um ex-integrante como resultado de uma reunião de vivência no ano de 2006:

“O EVA Foi quando o pessoal da agronomia voltou de Viçosa que se instigou, pois viu lá que quanto a organização em torno da agroecologia, são bem desenvolvidos. Na volta dessa viagem pensaram em construir um grupo. Na semana seguinte mandaram um email para os cursos de engenharia florestal e biologia para construir o grupo. Um estudante de agronomia fez o projeto de proposta e outros dois pensaram o nome EVA, a logomarca veio antes do projeto, pensada pelo integrante João Paulo”.

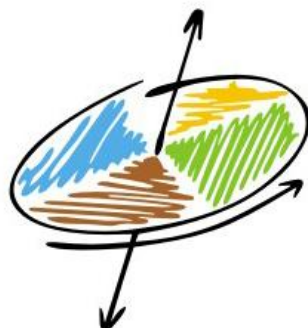


FIGURA 1- Logomarca do EVA

FONTE: ACERVO DO GRUPO

O grupo aprovou o projeto sugerido, mas pretendia ter apoio de professores para acompanhar as tarefas, o que foi muito difícil. Dois professores foram consultados, porém apenas um aceitou e tentou concorrer ao edital do Banco do Nordeste, que abria naquela época para financiar atividades de pesquisa com extensão. O orçamento atrapalhou e o projeto não foi aceito. Mas o grupo continuou e começaram a vasculhar

algumas áreas atrás do departamento de agronomia para se tornar uma área de práticas para o grupo. Ao encontrar a referida área, solicitaram à universidade para uso do grupo. Neste momento surgiram inúmeros professores interessados na mesma área, houve então, negociação entre os interessados, e o grupo conseguiu legalizar a área, ainda que informalmente na prefeitura do campus.

Um mês depois o grupo conseguiu articular com a EMBRAPA a parceria na construção do I Simpósio de Sistemas Agroflorestais. Onde contou com o auxílio do agricultor Henrique, que já tinha experiência com SAF's, para construir o primeiro núcleo de Saf's na área do grupo EVA.

4.2.2. 2006 - Aquisição da área

Nos dias 4 e 5 de maio de 2006 foi realizado o V Simpósio de Sistemas Agroflorestais, em Sergipe, a primeira parceria do grupo Espaço de Vivência Ecológica (EVA) com a Embrapa Tabuleiros Costeiros (Aracaju-SE), Petrobras, e Universidade Federal de Sergipe (UFS). O objetivo do evento foi mostrar que a substituição progressiva dos sistemas agrícolas simplificados (como as monoculturas) por sistemas diversificados apresenta vantagens agrônômicas e econômicas em conformidade com os anseios da agricultura sustentável (ALENCAR, 2006). “Neste simpósio foi inaugurada a área do grupo EVA na universidade, situada próximo ao Departamento de Agronomia da UFS, com um núcleo de sistema agroflorestal, feito com coquetel de sementes, plantio denso e consorciado” (GONÇALVES, 2009).



FIGURA 2 - Primeira Oficina de SAF's em 2006.

FONTE: GONÇALVES (2009).

Em documento elaborado por reunião do EVA (ANEXO 2A), foi relatado que após esse primeiro evento, o grupo começou a ter problemas, as pessoas tinham pressa e vontade, mas não tinham preparação. Depois do simpósio o grupo enfraqueceu, houve greve e o pessoal da Engenharia Florestal se dedicou mais, as atividades práticas ganharam enfoque maior e os estudos e discussões de textos perderam força. No entanto, alguns se juntaram e pensaram numa proposta de formação para o grupo que deu início às discussões formativas em grupo.

Em agosto do mesmo ano, o grupo EVA foi até Recife participar do IX Encontro Regional de Agroecologia-ERA, na Universidade Federal Rural de Pernambuco, promovido pela Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB). O grupo expôs sementes, cartazes de apresentação do grupo e participou de espaços como

palestras, mesas-redondas, oficinas, vivências, apresentação de trabalhos e troca de experiências entre outros grupos de Agroecologia do Nordeste (GONÇALVES, 2009).



FIGURA 3. Encontro Regional de Agroecologia – Recife em 2006.

FONTE: GONÇALVES (2009).

Em setembro foi realizada a 1ª Reunião de planejamento chamada “Reunião Vivência” do grupo EVA, no povoado Areia Branca, Mosqueiro, Aracaju – SE. Ocorreram espaços de identificação com o grupo, histórico, avaliação, atividades e projetos a serem realizados e divisão dos integrantes em comissões. Esta metodologia de reunião vivência passou a ser utilizada mais vezes durante a trajetória do grupo, como estratégia de integração, planejamento e organização (GONÇALVES, 2009).

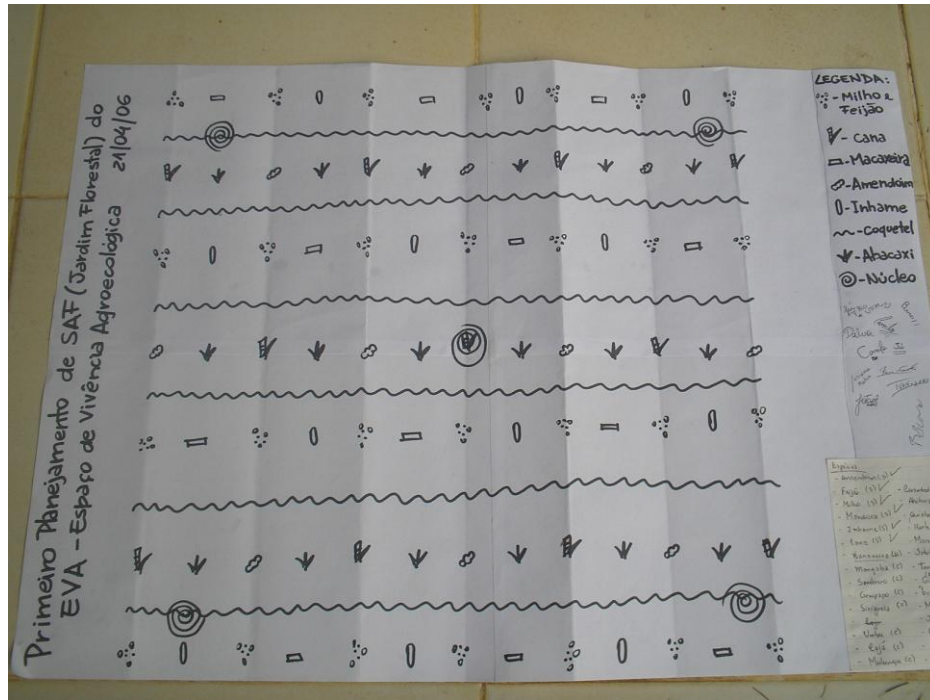


FIGURA 4 - Planejamento de SAF em reunião vivência.

FONTE: GONÇALVES (2009).

4.2.3. 2007 – contribuição e participação em eventos nacionais de cunho político e acadêmico.

Em de agosto de 2007, o grupo contribuiu com o 37º CBEEF - Congresso Brasileiro dos estudantes de Engenharia Florestal, realizado na Universidade Federal de Sergipe, evento promovido pela Associação Brasileira dos Estudantes de Engenharia Florestal - ABEEF na realização da Oficina de Agroecologia e Sistemas Agroflorestais (Gonçalves, 2009). Parte dos integrantes do grupo também participou do evento como comissão organizadora e como coordenação, se inserindo no processo.



FIGURA 5 - Oficina de SAF no 37º CBEEF-UFS.

FONTE: ACERVO DE BRUNO GONÇALVES (2007).

Em novembro do mesmo ano, acontece a IV Semana de Extensão – Extensão Popular, realizada na UFS, promovido pela Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEX), onde o grupo EVA conseguiu apresentar o projeto de extensão “Espaço de Vivência Agroecológica” (GONÇALVES, 2009). Este projeto foi que ajudou o grupo a se manter em relação à aquisição de materiais nesse período de atuação.

Já em dezembro, a ABEEF e FEAB recebeu em sua escola (Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” ESALQ – USP), alguns integrantes do grupo para participar do I CFA – Curso de Formação em Agroecologia, com abrangência nacional, era um curso de cunho político onde participaram militantes das executivas de curso e integrantes de grupos de Agroecologia de todo o Brasil.



FIGURA 6 - CFA - Piracicaba, 2006.

FONTE: GONÇALVES (2009).

“Oito dias de estudos, troca de experiências, oficinas, vivências e coletividade. A programação do curso contém atividades e os conteúdos que são importantes para a construção do conhecimento em Agroecologia” (GONÇALVES, 2009).

Durante este ano começa a aparecer com frequência uma nova imagem como símbolo do grupo, sem deixar de lado o primeiro logo. Imagem mais utilizada em camisetas, blog, entre outros materiais.

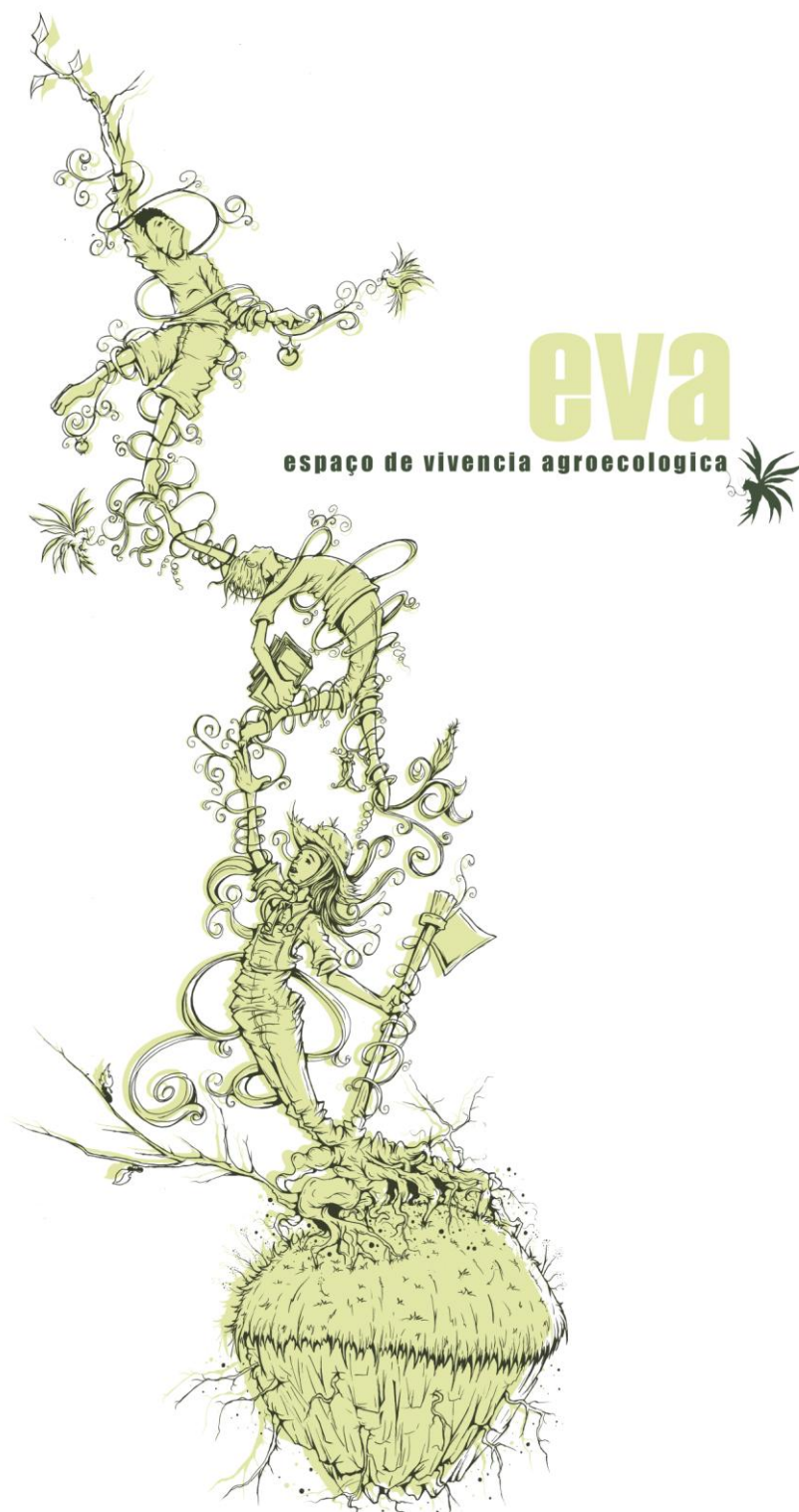


FIGURA 7 - Desenho do grupo EVA, por Thiago Neumann.

FONTE: ACERVO DO GRUPO EVA (2007).

4.2.4. 2008 – Conclusão do projeto de extensão e construção do I Encontro Sergipano de Agroecologia

Em maio de 2008 o grupo concluiu o Projeto “Espaço de Vivência Agroecológica” pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Extensão – PIBIX, da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEX), da Universidade Federal de Sergipe, que aconteceu de junho de 2007 à maio de 2008, onde “foram realizados relatórios bimestrais e finais, relatando todas as atividades promovidas pelo grupo neste período” (GONÇALVES, 2009).

Constantemente o grupo utilizava materiais reutilizáveis encontrados como descarte pela UFS, dessa forma, conseguiu uma guarita abandonada que serviu de depósito para materiais e ferramentas do grupo.



FIGURA 8 - Fachada da área do EVA sem a guarita.

FONTE: ACERVO DE BRUNO GONÇALVES.



FIGURA 9 - Fachada do EVA com guarita.

FONTE: ACERVO BRUNO GONÇALVES.

No mesmo mês, o grupo participou do X ERA – Encontro Regional de Agroecologia, promovido pela FEAB, com o Tema “Agroecologia: conquistando a soberania alimentar”. O evento aconteceu na Universidade Federal de Alagoas - UFAL (GONÇALVES, 2009).

**X ENCONTRO REGIONAL DE
AGROECOLOGIA/NE**

Agroecologia: “conquistando a soberania alimentar”

21 a 25 de Maio de 2008

Centro de Ciências Agrárias – CECA/UFAL
Campus Delza Gitai – BR 104, Km 87 – Rio Largo/AL

Informações:
<http://eranordeste.webng.com>

Coordenadores:
Rozalva Vilela - (82)98257 5760
Thales Pinheiro - (82)9827 6760
Widington Costa - (82)9909 7907
Kelly James - (82)9829 8065

Realização:

Apoio:

Patrocínio:

FIGURA 10 - Cartaz do X ERA 2008.

FONTE: ACERVO DO GRUPO EVA.

Entre de Junho e Julho de 2008 o grupo EVA assumiu dois núcleos de estudo e atuação em agroecologia a nível nacional: o Núcleo de Trabalho em Agroecologia - NTA pela Associação Brasileira dos Estudantes de Engenharia Florestal- ABEEF e Grupo Temático Permanente em Agroecologia - GTP da Entidade Nacional dos Estudantes de Biologia – ENEBIO.

Em agosto de 2008, o grupo realizou a oficina “Agroecologia: conservando o meio ambiente através da agricultura sustentável”, no V Encontro do Meio Ambiente realizado na Nossa Escola, Aracaju – SE (GONÇALVES, 2009).

Em novembro de 2008 foi organizado pelo grupo EVA em parceria com a juventude do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra o I Encontro Sergipano de Agroecologia, no assentamento Caio Prado, em Estância – SE. O evento contou com estudantes universitários e jovens do campo de assentamentos da Reforma Agrária, e aconteceram discussões sobre a Agroecologia e oficinas práticas (GONÇALVES, 2009).

4.2.5. 2009 – O II Curso de Formação em Agroecologia

Em junho de 2009, o grupo realizou o II CFA – Curso de Formação em Agroecologia, realizado no Assentamento Quissamã, município de Nossa Senhora do Socorro – SE, este curso foi idealizado pela Associação Brasileira dos Estudantes de Engenharia Florestal e também pela Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil. O CFA é um curso de formação política, e neste segundo o teve como objetivo geral:

Fortalecer a luta de classes trabalhando a formação política, fazendo uma disputa do conceito de Agroecologia num intuito de politizar o debate da agroecologia. Trazer um recorte de classes para inquietar os cursistas e fazer com que estes tomem uma posição, formando assim militantes para disseminar a luta agroecológica.

Para quebrar a dicotomia que havia entre grupos de Agroecologia e Movimento Estudantil, este curso pretendeu fortalecer o papel militante da Agroecologia dentro dos grupos.



FIGURA 11 - Roda de troca de experiências II CFA.

FONTE: ACERVO PRÓPRIO.

O II CFA teve como objetivos específicos, entre outros, o de entender economia política e como funciona a sociedade para fazer o debate da agroecologia mais contextualizado; fortalecer a relação teoria e prática dentro da agroecologia; trabalhar valores distintos; disseminar o debate para as regiões através dos cursistas; fortalecer a interdisciplinaridade da agroecologia; estreitar laços com outros movimentos sociais populares no sentido de fortalecer a relação campo-cidade na luta pela transformação social. Entre estudos e práticas durante este II CFA foi construído na área do grupo a mandala “chave e fechadura”, a estrutura para a caixa d’ água, como também segundo SAF.

Em 2009 o grupo foi contemplado com a monografia de Bruno Villaça Gonçalves, que tornou público a metodologia de construção do conhecimento agroecológico pelo grupo EVA.



FIGURA 12 - Oficina sobre metodologia para a construção do conhecimento agroecológico. Monografia de Bruno Gonçalves.

FONTE: GONÇALVES (2009).

No mês de outubro de 2009, o grupo realizou o I Ciclo Agroecológico da UFS, com palestras, grupos de discussão e oficinas na área do grupo EVA, na Universidade Federal de Sergipe, contando com a participação de estudantes de diversos cursos (GONÇALVES, 2009). Durante o ciclo, em uma de suas oficinas, a de bioconstrução, foi levantada a base de pneus usados preenchidos com barro, que hoje é o local do galinheiro.



FIGURA 13 - Oficina de bioconstrução no I ciclo de agroecologia da UFS. Base de adobe onde hoje é o galinheiro.

FONTE: ACERVO DE BRUNO GONÇALVES.

Além destas atividades, diversas outras ocorreram neste período de cinco anos de existência do grupo EVA, tais como reuniões semanais, calouradas, manejos e mutirões agroecológicos para manutenção da área, oficinas em outras áreas da Universidade em parcerias com Centros Acadêmicos, dentre outras. (GONÇALVES, 2009).

4.2.6. 2011 – Renovação do grupo



FIGURA 14 - Comparação entre a área em 2006 e em 2012.

FONTE: ACERVO DO GRUPO.

Em 2011 aconteceram muitas mudanças na área de práticas do grupo, como exemplo a casa de mudas foi modificada. E melhorias também aconteceram, já que muitos projetos foram aprovados para desenvolver trabalhos pelo grupo, foram quatro projetos do Programa de Inclusão em Iniciação Científica – PIIC, um projeto contemplado pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Extensão – PIBIX, que teve como foco o trabalho com os agricultores e agricultoras do Pré-Assentamento Mario Lago, e junto a isso, o projeto aprovado pelo MEC “Socializando saberes: fortalecendo as práticas extensionistas e a agricultura familiar”, que sustentou a permanência constante de boa parte dos integrantes do grupo na área. Isso foi um grande diferencial para o desenvolvimento do espaço físico do grupo EVA na UFS. Sem contar no apoio de professores que foi fundamental para a institucionalização e desenvolvimento desses projetos pelo grupo.

4.2.7. Resumo Cronológico das atividades

QUADRO 1 - Atividades do grupo EVA em ordem cronológica

ANO	ATIVIDADES
2005	Criação do grupo
2006	V Simpósio de Sistemas Agroflorestais em parceria com a EMBRAPA; Participação no IX Encontro Regional de Agroecologia da região NE, em Recife; Primeira reunião vivência do grupo.
2007	Oficina de SAF's no 37º CBEEF-SE;
2008	Conclusão do projeto de extensão do EVA; Realização de oficina no V Encontro do Meio Ambiente realizado na Nossa Escola, Aracaju – SE; Realização do I Encontro Sergipano de Agroecologia, no assentamento Caio Prado, em Estância – SE.
2009	Participação no X Encontro regional de Agroecologia – UFAL, realizado pela FEAB, ABEEF e ENEBio. Realizou o II CFA – Curso de Formação em Agroecologia; realizou o “I Ciclo Agroecológico da UFS”, com palestras, grupos de discussão e oficinas na área do grupo EVA.
2010	Sem registro de atividades.
2011	Renovação do grupo; Aprovação do projeto MEC-UFS.
2012	Finalização do projeto MEC-UFS

Nestes anos de atividades o grupo buscou manter relações com movimentos sociais, por ter princípios comuns. Mesmo em meio a dificuldades como a de quase perder a área de prática dentro da universidade, o grupo conseguiu superar as adversidades e hoje o grupo é registrado e é reconhecido dentro da universidade, e em sua estrutura organizativa, além da participação de estudantes, contam também com professores, simpáticos a causa e as atividades desenvolvidas.

Em seu estatuto (ANEXO 1A), define que é preciso uma maneira nova de se pensar a agricultura e as relações sociais, que impliquem no resgate da moral coletiva e participativa, entende-se como métodos agroecológicos de produção, aqueles que se baseiam no uso adequado dos recursos naturais, de forma a não agredir ou reduzir ao mínimo os impactos negativos ao meio ambiente, sendo dessa forma, socialmente

justos, economicamente viáveis e ecologicamente sustentáveis. Os experimentos realizados na área destinada ao grupo deverão ter como eixo norteador, a Agroecologia.

A história do grupo de Agroecologia na UFS representa a necessidade dos estudantes em busca de novos conhecimentos não disponíveis na grade curricular normal do curso de Engenharia Florestal e Agronomia.

5. CONCLUSÃO

Pode-se concluir que entre o período de 2005 até 2009 o grupo se construiu fortemente, tanto através de laços de amizade quanto através da coletividade e da formação política, que serviram de base para a forte resistência, mesmo com pouco incentivo por parte da academia, na área de prática, se doando para tal.

Nesse período havia uma forte identidade de grupo, porém uma grande dificuldade de se manter nas práticas diárias por falta de incentivo por parte da universidade. Essa iniciativa tornou-se mais organizada e tomou consistência apenas a partir do acompanhamento das atividades e o estreitamento dos laços entre o grupo de Agroecologia e a Universidade. Porém, houve um pouco de quebra da autonomia do grupo trazendo à tona algumas contradições quanto ao princípio da coletividade. São os desafios que surgem para serem superados.

Contudo, fica evidente que é importante somar forças, unir docentes, discente, técnicos, agricultores camponeses, pesquisadores e militantes, na tarefa mais importante que é o fortalecimento da Agroecologia para construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A criação de espaços de formação político e teórico para os estudantes da Universidade Federal de Sergipe, que trabalhe a educação numa perspectiva libertadora é importante para a construção coletiva do conhecimento agroecológico, consequentemente para a formação de técnicos, professores ou de gestores.

Em um contexto onde os currículos dos cursos de ciências agrárias se distanciam dos conceitos e princípios da Agroecologia e em muitos casos não consegue aliar o saber popular e o saber acadêmico, a existência de um grupo de agroecologia que traga a discussão de outro modelo de agricultura, e que atue junto aos movimentos sociais em busca da transição agroecológica se faz importante no Estado de Sergipe, no Brasil e no Mundo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, G. **Instituições realizam V Simpósio de Sistemas Agroflorestais, em Sergipe**. 2006. Disponível em:<<http://www.agrosoft.org.br/agropag/20022.htm>> Acessado: 25 de maio de 2012.

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2000. 110 p.

BRASIL. **Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003**. Publicado no Diário Oficial da União, 24 de dezembro de 2003, seção 1, p. 8. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.831.htm> Acessado: 19 de outubro de 2012.

CAPORAL, F. R. COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004. 24 p.

COSTA, M. B. B. Formação superior em Agroecologia: a experiência da Universidade Federal de São Carlos. In: **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**. v. 7, n. 4. Brasil: AS-PTA. 2010.

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. 6 ed. Ampliada. São Paulo: Hucitec: Nupaub-USP/CEC, 2008.

EHLERS, E. **Agricultura Sustentável: origens e perspectivas de um novo paradigma**. 2 ed. Guaíba: Agropecuária, 1999.

EMBRAPA. **Marco Referencial em Agroecologia**. EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA: Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2006.70 p.

FERRARI, A. **Agrotóxicos: a praga da dominação**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

FREIRE, A. G. Aprender com a prática: uma metodologia para sistematização de experiências. In: **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**. Brasil: AS-PTA, 2007.

FREIRE, M. **Educador, educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17º Ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1987.

GONÇALVES, B. V. **A relação entre a agroecologia e o ensino de ciências e biologia: análise da experiência do grupo EVA e de professores da rede pública como contribuição conceitual e metodológica**. São Cristóvão –SE. 2009.

GUBUR, D. M. P.; TONÁ, N. Agroecologia. In: CALDART, R. S. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. P. 57-64.

HOLLIDAY, O. J. **Para Sistematizar Experiências**. Tradução Maria Viviana V. Resende. 2 ed. Brasília: MMA, 2006.

ITERRA. IEJC. **Método Pedagógico**. Cadernos do ITERRA. Veranópolis: Ano IV, nº 9, dezembro/2004.

JESUS, E. L. Diferentes Abordagens de Agricultura Não-Convencional: História e Filosofia. In: **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura organizada sustentável**. Editores técnicos: AQUINO, A. M.; ASSIS, R. L. Brasília – DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2005. P. 23-48.

LEFEVRE, F. LEFEVRE, A. M. C. **Depoimentos e Discursos: uma proposta de análise em pesquisa social**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005. 97p.

LEGAN, L. **A Escola Sustentável: eco-alfabetizando pelo Ambiente**. 2 ed. São Paulo, Pirenópolis – GO: Ecocentro IPEC, 2007.

LEITE, S. P.; MEDEIROS, L. S. Agronegócio. In: CALDART, R. S. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. P. 79-85.

LONDRES, F. **A política agrícola brasileira e o incentivo aos agrotóxicos. Entrevista especial com Flávia Londres**. Disponível em: <http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=19472&cod_canal=41> 28/05/2008, 10:45h.

PELOSO, R. (Org.). **Trabalho de Base: seleção de roteiros organizados pelo Cepis**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. P. 81-82.

PENTEADO, S. R. **Introdução à Agricultura Orgânica**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2003.

PETERSEN, P. Agriculturas Alternativas. In: CALDART, R. S. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. P. 40-46.

PRIMAVESI, A. **Ecosfera, Tecnosfera e Agricultura**. São Paulo, Nobel, 1997.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. Roberto Jarry Richardson; colaboradores José Augusto de Souza Peres... (et. al.). São Paulo: Atlas, 1985.

SILVEIRA, J. M. F. J.; FUTINO, A. M. **O Plano Nacional de Defensivos Agrícolas e a criação da Indústria Brasileira de Defensivos**. Boletim Técnico do Instituto de Economia Agrícola: Agricultura em São Paulo. São Paulo. Ano 37. 30/12/1990. Disponível em: <<ftp://ftp.sp.gov.br/ftpiea/rea/1990/asp15-90.pdf>>.

SOSA, B. M.; JAIME, A. M. R.; LOZANO, D. R. A.; ROSSET, P. M. **Revolução Agroecológica: o movimento de camponês a camponês da ANAP em Cuba**. Tradução Ana Courbisier. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

UFSCAR. **Projeto Pedagógico do Bacharelado de Agroecologia**. Disponível em: <<http://blog.cca.ufscar.br/agroeco/files/2011/01/Projeto-pedagógico-Bacharelado-Agroecologia.pdf>> acessado em 27 de outubro de 2012.

ANEXO A

1A. Estatuto Do Grupo De Estudos E Vivências Agroecológicas Da Universidade Federal De Sergipe.

Capítulo I - Da sede, foro e objetivos.

Art. 1º – O Grupo de Estudos e Vivências Agroecológicas (EVA) da Universidade Federal de Sergipe, situado na Cidade Universitária José Aloísio de Campos, Jardim Rosa Elze, s/n., com foro e sede na Comarca de São Cristóvão – Sergipe, é uma associação sem fins lucrativos, que funcionará por tempo indeterminado e aplicará seus recursos exclusivamente na manutenção e desenvolvimento de seus objetivos, conforme disposições legais vigentes.

Art. 2º - O Grupo de Estudos e Vivências Agroecológicas tem a finalidade de estudar, discutir e propagar a Agroecologia. Para cumprir seus objetivos, o Grupo de Estudos e Vivências Agroecológicas, manterá relações com entidades afins Nacionais e Internacionais, inclusive movimentos sociais, sem perder sua autonomia e poder de decisão.

Art. 3º – O Grupo de Estudos e Vivências Agroecológicas se propõe a divulgar a Agroecologia no meio acadêmico através de estudos, palestras, experimentos, assim como levar estes conhecimentos a sociedade através da extensão, incentivando a adoção de métodos agroecológicos de produção. Desta maneira, o grupo contempla tanto Ensino e Pesquisa, como Extensão, tendo como pressuposto os princípios da atual Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural.

Parágrafo único: Partindo do entendimento que é preciso uma maneira nova de se pensar a agricultura e as relações sociais, que impliquem no resgate da moral coletiva e participativa, entende-se como métodos agroecológicos de produção, aqueles que se baseiam no uso adequado dos recursos naturais, de forma a não agredir ou reduzir ao mínimo os impactos negativos ao meio ambiente, sendo dessa forma, socialmente justos, economicamente viáveis e ecologicamente sustentáveis. Os experimentos realizados na área destinada ao grupo deverão ter como eixo norteador, a Agroecologia.

CAPITULO II - Da filiação, exclusão, direitos e deveres dos associados

Art. 4º - Poderão ingressar no grupo todos os alunos, professores e servidores que desejarem contribuir para que o grupo consiga seus objetivos.

Art. 5º - O interessado na associação deverá ser apresentado por um membro do grupo.

Art. 6º - Será considerado membro do grupo aquele que frequentar no mínimo cinco reuniões, caracterizando assim, o interesse e o vínculo.

Art. 7º - O desligamento dar-se-á a pedido do membro, não podendo ser negado.

Art. 8º - São direitos e deveres dos membros:

I – Gozar de todos os benefícios proporcionados pela associação;

II - Votar e ser votado;

III – Convocar e participar das Assembléias Gerais;

IV - Frequentar as atividades, cursos, reuniões e mutirões do Grupo;

V – Respeitar e cumprir o Estatuto, bem como os compromissos assumidos;

VI - Contribuir para que o grupo se desenvolva na busca de seus objetivos;

VII – Desligar-se quando lhe convier.

Parágrafo único: as atividades do grupo, a título de certificação de horas extra-curriculares, serão contabilizadas nas diversas atividades, como reuniões, grupo de estudos, mutirões, cursos e trabalhos realizados no Espaço de Vicência Agroecológica (área experimental).

Art. 9º - O Grupo de Estudos e Vivências Agroecológicas poderá ter como fonte de recursos:

- a. Contribuições arrecadadas junto a seus membros;
- b. Importâncias obtidas na cobrança de taxa de manutenção quando da realização de atividades próprias;
- c. Doações e contribuições de origem particular ou de órgãos públicos;
- d. Pelos auxílios decorrentes de bolsas e aprovação de projetos;
- e. Pelas receitas provenientes da prestação de serviços, previamente aprovada pelos membros.

CAPÍTULO III - Da Administração

Art. 10º – O Grupo de Estudos e Vivências Agroecológicas será administrado pela Coordenação em conformidade às deliberações da Assembléia Geral, órgão máximo do grupo.

Art. 11º - Compete privativamente à Assembléia Geral:

- I – eleger os coordenadores;
- II – destituir os coordenadores;
- III – aprovar contas;
- IV – alterar o estatuto.

Art. 12º – A Assembléia Geral Ordinária rivalizar-se-á semestralmente ou sempre que convocada pela coordenação ou um de seus membros, com antecedência mínima de sete dias. Cada membro, independente de ocupar ou não um cargo da coordenação, só terá direito a um voto.

Art. 13º - Compete à Coordenação:

- a) Representar e levar a posição oficial do grupo. Os membros do grupo poderão se manifestar em nome do Grupo desde que tenham mandato diretivo e seja uma posição estabelecida em reunião da coordenação. Caso contrário, deve estar claro que sua manifestação é de caráter pessoal.

Art. 14º – A Coordenação será constituída das seguintes cadeiras:

- a) Coordenação de Ensino;
- b) Coordenação de pesquisa;
- b) Coordenação de Extensão;
- c) Coordenação de Comunicação;
- d) Secretaria;
- e) Finanças;

Parágrafo único: essas cadeiras serão ocupadas por alunos, servidores e professores da Universidade Federal de Sergipe, auto-indicados ou indicados por membros do grupo. Havendo mais de uma candidatura para cada cadeira, ocorrerá votação, ocupando a cadeira o candidato que obtiver mais votos. O mandato da coordenação será de um ano, podendo, ser renovado por mais um ano. Novas cadeiras poderão ser criadas, de acordo com as necessidades administrativas do grupo, desde que aprovadas em assembléia.

Art. 15º – Compete à Coordenação, orientar o grupo nas questões necessárias, oferecer suporte técnico, acadêmico e administrativo, acompanhar as reuniões e atividades do grupo. Como atribuição específica, compete a cada cadeira:

- a) Coordenação de Ensino: divulgação e viabilização de conhecimentos agroecológicos dentro do Grupo, através de palestras e grupo de estudos.
- b) Coordenação de pesquisa: organizar e sistematizar os projetos de pesquisa do grupo.
- b) Coordenação de Extensão: orientar o grupo nas questões de extensão, por meio de cursos, capacitações e projetos específicos.
- c) Coordenação de Comunicação: cabe a essa cadeira viabilizar a comunicação entre os integrantes do grupo e a comunidade externa, buscando sempre, novos contatos e parcerias.
- d) Secretaria: organizar os documentos do grupo (atas, arquivos) e emitir certificados.
- e) Finanças: contabilizar a entrada e saída de recursos, administrar a conta bancária e emitir e receber notas e recibos.

Capítulo IV - Disposições Gerais

Artigo 16º – A Coordenação será eleita sob forma de indicação, desde que aprovados pela maioria presente na Assembléia, especialmente convocada para esse fim. As decisões da Assembléia Geral serão tomadas pelos associados.

Art. 17º - Fica estabelecido o critério de revogabilidade do mandato para coordenadores empossados que pratiquem os seguintes atos:

- a) Atentar contra o patrimônio da entidade;
- b) Roubar ou auferir vantagem financeira ou material;
- c) Faltar a 4 (quatro) reuniões consecutivas convocadas, sem justificativa cabível;

Art. 18º - O Grupo de Estudos e Vivências Agroecológicas, poderá ter núcleos comunitários que se constituirão com os mesmos objetivos.

Art. 19º – Este estatuto poderá ser modificado ou reformulado a qualquer tempo por 50% + 1 dos associados, em Assembléia Extraordinária especialmente convocada para tal fim.

Art. 20º – Em caso de dissolução do Grupo de Estudos e Vivências Agroecológicas, aprovada em Assembléia Extraordinária convocada especialmente para essa finalidade e aprovada por 50% + 1 dos associados, os seus bens serão entregues a outra entidade congênere regional ou nacional.

Art. 21º – Os casos omissos no presente Estatuto serão decididos pela Coordenação, "ad referendum" da Assembléia Geral.

Art. 22º – Fica eleito o Foro desta Comarca para qualquer ação fundada neste estatuto.

2A. Questionário aplicado

Questionário aberto
Nome: _____
Profissão/cursos: _____
Onde atua no momento: _____
Este questionário faz parte de um trabalho intitulado “História e Sistematização das experiências do Grupo EVA da Universidade Federal de Sergipe de 2005 a 2009”, da acadêmica de Engenharia Florestal Leilane Carneiro Cunha da Universidade Federal de Sergipe. O questionário será aplicado para os membros do grupo EVA que participou da construção do grupo e já estão formados ou terminando o curso.
1. O que te motivou a construir um grupo de agroecologia (para quem participou do processo de construção)?
2. O que te motivou a participar de um grupo de agroecologia?
3. Qual a maior dificuldade de permanecer no grupo? Por que?
4. Quais as deficiências do grupo? Se houve.
5. Quais as virtudes do grupo?
6. Como era a dinâmica de organização do grupo EVA?
7. O que mais te marcou durante a caminhada com o grupo EVA?
8. Qual a importância do grupo EVA para a sua formação profissional?
9. Qual a contribuição do grupo para a universidade federal de sergipe?
10. Qual a contribuição do grupo de agroecologia para sergipe?